



SEXUALIDADE E FORMAÇÃO DOS PROFESSORES: INTERFACES E DESAFIOS

Betânia M^a Oliveira de Amorim (Docente - Universidade Federal de Campina Grande – UFCG)

E-mail: betania_maria@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

As discussões sobre a temática da sexualidade e os sentimentos que ela desperta sempre estiveram presentes ao longo da história da humanidade. Desse modo, diversas instituições de saber trouxeram para si a condição de orientar os sujeitos em vários aspectos gerais e, em particular, naquilo que se refere à sexualidade. Entre estas interessa-nos discorrer sobre a escola, visto que, neste espaço, a sexualidade está na ordem do dia.

No final do século XX foram consolidados os argumentos que demandaram à escola a realização de uma educação sexual, com metodologia diferente daquela tradicionalmente instituída nos currículos, que veio culminar na década de noventa, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN. Esta novidade no terreno acadêmico veio descortinar a fragilidade da formação dos professores para o cumprimento desta atribuição, tal como propõe o documento acima mencionado.

Como assinala Furlani (2009), para muitos educadores, a opção em não discutir as sexualidades e os gêneros pode ser apoiada pela “providencial” inexistência da temática nos currículos escolares. Além disso, poderia estar favorecida pela ausência da temática nos seus cursos de formação, o que se somaria à admitida dificuldade pessoal dos docentes com o assunto.

Algumas pesquisas demonstram que os docentes sentem-se despreparados para falar abertamente sobre a sexualidade. A este respeito, corroboram autores como Mariuzzo (2003), Silva (2005), Balestrin (2007) e Gomes (2010). De acordo com estes, a política nacional de formação dos professores não tem favorecido a preparação desta categoria nos aspectos teórico, psicológico, filosófico e pedagógico sobre sexualidade, para a atuação na escola. Em outras



palavras, como expressa Bonfim (2009), um dos motivos da sexualidade ser uma temática silenciada no ambiente escolar é a precariedade da formação docente para abordar esta questão.

Sabemos que a universidade tem por princípio criar, transmitir e disseminar o conhecimento. Nesta perspectiva Fávero (2002) assinala que compete a esta instituição propagar o conhecimento da ciência, tecnologia e cultura por intermédio do ensino e da pesquisa, considerando sobremaneira as mudanças ocorridas na sociedade.

Sendo assim, é importante questionar em que medida os cursos de graduação/licenciaturas tem oferecido uma formação, de modo a atender as exigências teórico-metodológicas necessárias à produção de novos conhecimentos e a mudança da realidade. Na trilha desta questão, interessa-nos particularmente analisar como os cursos de formação inicial subsidiam os futuros docentes para que estes possam manejar com as questões atinentes à sexualidade.

METODOLOGIA

Este trabalho é o recorte de uma pesquisa mais ampla que realizamos: Sexualidade e mídia na formação docente, desenvolvida em Campina Grande, estado da Paraíba, com docentes vinculados a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Para compreendermos o fenômeno estudado na sua complexidade, optamos pela utilização de um questionário e uma entrevista semi-estruturada, enquanto procedimentos para a coleta dos dados.

Os dados foram analisados de forma qualitativa em conformidade com os critérios da análise de conteúdo. Conforme orientação de Minayo (1996), realizamos a leitura exaustiva dos depoimentos e a categorização dos dados, recortando, no texto, e agrupando as unidades de registro de acordo com suas afinidades temáticas. Por fim, buscamos a compreensão e interpretação dos dados, integrando-os ao referencial teórico acerca do tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



De acordo com os professores, a temática da sexualidade é interessante e pertinente, sobretudo porque, frequentemente se veem às voltas com questões dessa natureza na prática pedagógica. Desse modo, manifestaram a importância da educação sexual na escola como meio para orientar, informar e prevenir. Ademais, todos enfatizaram que este assunto merece uma discussão mais apurada, considerando que estamos vivenciando um momento em que muitos valores e princípios perderam força ao longo dos tempos. No entanto, todos se mostraram reticentes quanto a discutir com os alunos sobre esta questão.

De acordo com os docentes, vários fatores concorrem para tal estado de coisas. Há uma dificuldade, de ordem curricular, para se abordar a sexualidade de forma específica ao longo da formação do licenciando. Não é possível fugir a uma ementa a ser cumprida em cada disciplina particular. A carga horária disponível, para tal é suficiente apenas para atender esta exigência institucional. Por esta razão, é inviável a introdução de um conteúdo diferente daquele programado inicialmente. Não há tempo hábil para esta digressão. Nesse sentido, não há lugar para se pensar numa proposta de transversalidade.

Na concepção dos professores, os PCN soam como um encargo que lhes foi atribuído, onerando significativamente as responsabilidades que já assumem, tornando as suas atividades excessivas. Apontam que não existem materiais e metodologias adequadas, que possam promover um trabalho pedagógico significativo. Além disso, compreendem que compete a família o papel de esclarecer as questões inerentes a sexualidade.

Ao invés do tratamento da sexualidade de forma transversal, os professores sugerem que sejam buscadas parcerias, para a realização de palestras e orientações com outros profissionais da área de saúde, que sejam competentes e experientes e tratem o assunto com seriedade.

Percebemos que, embora os professores assinalem que a sexualidade é uma questão importante, ainda há muita resistência para estes assumirem qualquer compromisso quanto a sua abordagem. Estamos diante de um paradoxo: ao mesmo tempo em que a sexualidade é reconhecida como um conteúdo importante, esta relevância é minimizada quando os professores não assumem a responsabilidade para abordá-la com os alunos. Em suma, os docentes assinalam que falar sobre



sexualidade é um desafio que, entre outras questões, pode ser atribuído a uma formação precária. Por esta razão, partimos do princípio que a abordagem da sexualidade deve ser contemplada nos cursos de formação docente para que estes profissionais possam se apropriar não apenas dos conhecimentos teóricos que embasam esta questão. Além deste, é necessário que todos os envolvidos possam olhar reflexivamente para a própria sexualidade, revisar seus conceitos, superar preconceitos e estereótipos, encarar os tabus, os medos e as vergonhas.

CONCLUSÃO

Assim, como assinala Nunes (1996), não encontramos na universidade uma profunda reflexão sobre a sexualidade de modo a elucidar suas contradições históricas, discutir suas bases antropológicas, investigar suas matrizes sociológicas e identificar suas configurações políticas. Somos levados a crer que, embora a sexualidade seja uma problemática demasiadamente presente no universo escolar, os professores estão despreparados para uma ação efetiva e uma compreensão das suas especificidades.

Pelo que podemos observar há um abismo entre o que deveria ter sido instituído nas escolas a partir dos PCN, e o que está ocorrendo de fato. Pelo exposto, somos levados a presumir a necessidade de discutirmos com maior densidade a formação dos professores, haja vista que estes são os responsáveis pela interlocução da abordagem da sexualidade na escola. Desta feita, as bases que assentam sua formação inicial é um parâmetro de análise importante nestes tempos em que se demanda a esta instituição uma série de responsabilidades, entre estas, a abordagem de questões que envolvem a sexualidade.

REFERÊNCIAS

BALESTRIN, Patrícia Abel. **Onde “está” a sexualidade**: representações da sexualidade em um curso de formação de professores. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.



- BONFIM, Cláudia Ramos de Souza. **Educação Sexual e Formação de Professores de Ciências Biológicas**: contradições, limites e possibilidades. 2009. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque. Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. In: ALVES, Nilda. **Formação de Professores**. São Paulo: Cortez, 1994.
- FURLANI, Jimena; LISBOA, Thais Melo. Subsídios à educação sexual a partir de estudo na internet. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- GOMES. Lúcia Rejane Silva. **Sexualidade e orientação sexual na formação de professores**: uma análise da política educacional. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.
- MARIUZZO, Terezinha. **Formação de professores em orientação sexual**: a sexualidade que está sendo ensinada nas nossas escolas. 2003. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- NUNES, César. **Filosofia, sexualidade e educação**: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar. 1996. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- SILVA, Oscarina Maria da. **A Orientação Sexual como Tema Transversal e a Formação de Professores**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.
-